

Orquestra Gulbenkian

Nuno Coelho



25 + 26 abr 24

25 abr 24 QUINTA 20:00

26 abr 24 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Nuno Coelho Maestro

Nuno da Rocha

*Restart**

c. 21 min.

UnsuK Chin

Subito con forza

c. 5 min.

INTERVALO

Ludwig van Beethoven

Sinfonia n.º 3, em Mi bemol maior, op. 55, *Heroica*

c. 50 min.

1. *Allegro con brio*
2. *Marcia funebre: Adagio assai*
3. *Scherzo: Allegro vivace*
4. *Finale: Allegro molto*

* Encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 40 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Nuno da Rocha

(n. Aveiro, 1986)

Restart

COMPOSIÇÃO 2015

ESTREIA Lisboa, 8 de outubro de 2015

DURAÇÃO c. 21 min.

Restart resultou de uma encomenda da Fundação Gulbenkian, destinada a abrir o programa inaugural da Orquestra Gulbenkian na temporada 2015-16, com a maetrina Joana Carneiro a dirigir uma formação que juntou a Orquestra Gulbenkian e o Estágio Gulbenkian para Orquestra.

A peça está instrumentada para uma orquestra “romântica” convencional (com as madeiras a 3, sendo o 3.º instrumento sempre um alargador da extensão e do timbre, respetivamente, do agudo para o grave: flautim, corne-inglês, clarinete-baixo e contrafagote; mais trompas a 4, e trompetes e trombones a 3), mas enquadrada com um instrumentário de percussão alargado, além de enriquecido com recursos menos convencionais, casos da melódica, da harmónica e do (assim designado) “junk kit”: um instrumento compósito, feito de objetos do quotidiano, dispostos qual teclado, do grave ao agudo.

Particularmente interessante nesta obra é a contínua alternância que exhibe entre secções notadas com altura definida e secções notadas com altura indefinida, algo muito familiar no naipe de percussão (por via dos próprios instrumentos), mas que se vê aqui alargado a todos os napes da orquestra, de tal modo

que se configura como princípio constitutivo da peça como um todo. Nuno da Rocha prescreve aos executantes apenas a “região média” da extensão dos respetivos instrumentos, cabendo aos músicos definir o “onde” (que pode variar a cada recorrência) e, a partir daí, definir notas mais agudas e notas mais graves (de acordo com a notação nas suas partes). Este constante vaivém entre notação fixa e notação aberta, esta interação, causam a perceção de constante “restart”, como um rosto em permanente reformulação. Outro recurso original é o flexatone (usado por: instrumentistas de cordas, exceto contrabaixos; trompas e trompetes); bem como requerer dos músicos (cordas) que murmurem, dobrando a nota que executam ou sem apoio.

Embora um contínuo, divisam-se em *Restart* três grandes secções: a 1.ª começa poderosa e imponente e termina com uma melodia quase pós-romântica das cordas expostas; a 2.ª individualiza-se pela sua pesquisa tímbrica e organização mais caleidoscópica; e a 3.ª, por uma textura eufónica de coral muito lento das cordas (com as vozes a dobrar), na qual mais tarde os outros instrumentos (ouvem-se rememorações de motivos anteriores) se virão (dir-se-ia, quase relutantemente) a inscrever, até que tudo por fim se esfuma num sopro *pianissimo* das vozes.

UnsuK Chin

(n. Seul, 1961)

Subito con forza

COMPOSIÇÃO 2020

ESTREIA Amesterdão, 24 de setembro de 2020

DURAÇÃO c. 5 min.

Uma das mais eminentes compositoras do nosso tempo, UnsuK Chin será das raras (senão, a única) personalidades a deter em simultâneo três dos mais importantes prémios musicais: o Grawemeyer (2004), o Léonie Sonning (2021) e o Ernst von Siemens (2024) – além do Sibelius (2017), do Schönberg (2005) e do Bach/Hamburgo (2019).

De entre a sua produção orquestral (que inclui, por exemplo, seis concertos com instrumento solista), *Subito con forza*, escrita por encomenda da BBC Radio 3, da Filarmonia de Colónia e do Concertgebouw de Amesterdão para os 250 anos do nascimento de Beethoven (em 2020), é das mais recentes. Desde então, escreveu *Alaraph – Rito do batimento cardíaco*, estreada a 30 de agosto do ano passado, em Basileia.

A estreia de *Subito con forza* deu-se em plena pandemia, no Concertgebouw, pela Orquestra residente, dirigida por Klaus Mäkelä. A obra está instrumentada para o efetivo orquestral mais comum entre as nove sinfonias de Beethoven: madeiras a 2, pares de trompas e trompetes, timbales e cordas – efetivo que ocorre nas sinfonias nos. 1, 2, 7 e 8. A grande diferença, em Chin,

verifica-se na secção de percussão, que requer dois instrumentistas adicionais, para um *set* muito alargado de instrumentos. Já nas cordas, o efetivo de uma orquestra por volta de 1800 (32 músicos) é declarado o “mínimo” pela compositora, que declara como “ideal” 50 executantes.

Em *Subito con forza*, Chin tomou por “ponto cardeal” a festividade que motivou a encomenda, elaborando uma breve homenagem a Beethoven, na qual a celebração passa por uma evocação de gestos orquestrais (apetece dizer, por vezes, “rasgos sonoros”) típicos do compositor, os quais tanto podem ser (muito) breves citações (quais *flashes*, como logo o acorde inicial, que provém da Abertura *Coriolano*), como simples alusões, logo tomadas/ apropriadas pela linguagem de Chin: podem ser acordes (distribuídos numa intencional textura orquestral) ou padrões rítmicos reconhecíveis (não falta, claro, o da 5.^a Sinfonia) ou processos sequenciais ou cavados contrastes dinâmicos. Ou seja, há uma revisitação do mundo sonoro e do instinto dramático (feito da sucessão de repouso-tensão-explosão) de Beethoven, reinterpretado pelo virtuosismo técnico e inventividade tímbrica da escrita orquestral de Chin.

Ludwig van Beethoven

(Bona, 1770 – Viena, 1827)

Sinfonia n.º 3, em Mi bemol maior, op. 55, *Heroica*

COMPOSIÇÃO 1803-1804

ESTREIA Viena, 7 de abril de 1805

DURAÇÃO c. 50 min.

Há oito anos, a *BBC Music Magazine* realizou um inquérito junto de 151 maestros de todo o mundo e o veredicto sobre “a melhor sinfonia de todos os tempos” recaiu sobre a 3.^a de Beethoven.

Claro que ajuda sempre ter a caução de especialistas, mas cremos que, conhecendo razoavelmente a história da música sinfónica ocidental e escutando esta obra com atenção, se trata na verdade de uma conclusão bastante óbvia. Nenhuma obra como esta faz uma “separação de águas” tão clara (o antes e o depois) e, em simultâneo, abre as portas a tudo quanto veio a seguir, ou seja, a grande sinfonia romântica. E como se não bastasse, ainda a rodeia todo um conjunto de histórias, ou lendas, à volta do seu epíteto de *Heroica*.

No que a recursos sonoros respeita, Beethoven não precisou de engrandecer o efetivo orquestral face às Sinfonias 1 e 2, exceto pela adição de uma simples 3.^a trompa¹. E, ainda assim, operou uma verdadeira revolução do som orquestral – mas aí, pela escala a que concebeu os andamentos, pela escrita que destinou aos instrumentos e pelo conteúdo que infundiu na obra. Ou seja, Beethoven edificou na *Heroica* um verdadeiro “drama instrumental”, dotado da carga emocional e variedade expressiva de uma ópera, mas conduzido só e apenas pelas vozes dos instrumentos. Mais do que um

salto musical, estamos perante um salto estético (e de categorização estética), de onde os ecos/efeitos que esta obra teve não só sobre os compositores posteriores como sobre pensadores e filósofos.

Em termos contextuais, esta sinfonia inscreve-se (como todas as suas sinfonias, exceto a 9.^a) no período de guerra quase contínua em que se viu a Europa entre 1792 e 1815, efeito da Revolução Francesa e do expansionismo napoleónico. Curiosamente, os primeiros esboços da Sinfonia datam do interregno mais alargado nesses 23 anos: os 14 meses que mediaram entre a Paz de Amiens (março de 1802) e a formação da 3.^a Coligação contra Napoleão (maio de 1803) – maio de 1803 é aliás a data provável para o início do efetivo trabalho de composição da Sinfonia, que se terá prolongado até outubro desse ano². O mais tardar no início de 1804, a sinfonia estaria na sua redação definitiva.

Pouco antes da primeira execução absoluta da obra³, espécie de *trial performance*, Beethoven terá recebido a notícia de que Napoleão era agora “Imperador dos Franceses” (18/5/1804), o que terá originado o célebre episódio, relatado por Ferdinand Ries⁴, do qual nunca saberemos destrinçar facto de fábula. Certo é que a cópia da partitura,

datada “Agosto 1804”, com anotações e correções do punho do compositor⁵, tem no frontispício o muito célebre buraco, causado pelo vigoroso (violento?) apagar de uma palavra. E a palavra era “Bonaparte” – e, contudo, a mesma página tem, mais abaixo, a lápis, a inscrição “Geschrieben auf Bonaparte”, ou seja: “escrita para (ou ‘por mor de’) Bonaparte”.

De facto, entre a dedicação original da sinfonia ao então “Cônsul Vitalício” e a fórmula que hoje conhecemos (que surge na 1.^a edição) – *Sinfonia Eroica. Composta per festeggiare il sovvenire di un grand’Uomo* – decorreram apenas dois anos, mas durante este tempo muito tinha acontecido, a começar pela guerra entre a França e a Áustria (agosto a dezembro de 1805), que culminou com a ocupação de Viena pelos franceses (e a instalação de Napoleão no Palácio de Schönbrunn), a 13 de novembro, a estrondosa derrota austríaca em Austerlitz (2/12) e o Tratado de Preßburg (26/12) entre os dois países, após o qual Napoleão regressou a Paris e as suas tropas deixaram Viena. Seria, pois, virtualmente impossível fazer editar uma obra – para mais uma obra tão pública, quanto uma sinfonia – dedicada a Bonaparte na Viena de 1806. Em última análise, e extrapolando deste anónimo “grande homem”, a inscrição-dedicatória que ficou consagrada remete para um herói do espírito, idealista, imbuído de uma missão superior, iluminadora e libertadora. Porque nisso, mais que em qualquer pessoa concreta, cria Beethoven com toda a firmeza das suas convicções.

A *Heroica* foi primeiro editada em 1806 pelo Comptoir das Artes e Indústrias de

Viena, no final de outubro de 1806 (só as partes orquestrais), com dedicatória ao príncipe Lobkowitz, seu mecenas. A primeira partitura completa aparece em Londres, na primavera de 1809 (sem autorização/conhecimento de Beethoven), mas teve pouco ou nenhum eco fora de Inglaterra, devido ao bloqueio⁶ que Napoleão impusera aos produtos ingleses. A 1.^a edição da partitura completa, autorizada (e supervisionada) pelo compositor, foi a de Simrock (1822).

NOTAS DE BERNARDO MARIANO

1. Permitindo uma escrita acórdica, ou de melodia sustentada, para essa secção, como sucede no *Trio do Scherzo*.
2. Desse mês (dia 22) data uma carta de Ferdinand Ries, então aluno e assistente de Beethoven, ao editor Simrock, oferecendo-lhe o direito de impressão da obra.
3. A data que surge com mais frequência para essa estreia é 9 de junho, mas pode ter acontecido alguns dias ou (até) poucas semanas antes. Ocorreu no palácio vienense do príncipe Lobkowitz, que tinha adquirido junto de Beethoven o exclusivo de execução da obra por alguns meses. A orquestra reunida para o efeito contava 27 músicos. A sinfonia seria executada mais vezes nesse verão, nos castelos do príncipe na Boémia (Raudnitz e Eisenberg) e em janeiro de 1805, de novo em Viena, pelos menos duas vezes. Todas estas apresentações foram privadas. A estreia pública deu-se no Theater an der Wien, no Domingo de Ramos (7/4) de 1805, junto com uma sinfonia (na mesma tonalidade da *Heroica*) de Anton Eberl, que teve acolhimento mais favorável do público presente.
4. O relato surge primeiro nos seus *Apontamentos biográficos sobre Ludwig van Beethoven*, editados em Mainz, em 1838.
5. Esse manuscrito está guardado na Sociedade dos Amigos da Música de Viena, desde 1870, e é a fonte primária principal da obra, pois o autógrafo perdeu-se.
6. O famoso Bloqueio Continental.

Nuno Coelho

Nuno Coelho é o Maestro Principal e Diretor Artístico da Orquestra Sinfónica del Principado de Asturias desde outubro de 2022. Na temporada 2023-24 estreia-se com a hr-Sinfonieorchester de Frankfurt, a Sinfónica do Estado de São Paulo, a Orquestra Nacional de Espanha e a Filarmónica Real de Liège. Nas duas últimas temporadas, destacam-se as colaborações com a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Filarmónica de Helsínquia, a Filarmónica de Dresden, a Staatsorchester Hannover, a Sinfónica de Gävle, a Sinfónica de Malmö, a Residentie Orkest, a Filarmónica de Estrasburgo, a Filarmónica de Tampere, a Sinfónica de Antuérpia e a Sinfónica de Barcelona. No domínio da ópera, dirigiu produções de *La traviata*, *Cavalleria rusticana*, *Hänsel und Gretel*, *Rusalka* e *Manon*. Em 2022 dirigiu, na Fundação Gulbenkian, uma produção reimaginada da ópera *Don Giovanni* de Mozart, através da peça de teatro de José Saramago. Em 2017 venceu o Concurso Internacional de Direção de Orquestra de Cadaqués. Em 2018-19 dirigiu, por diversas vezes, a Filarmónica de Los Angeles, enquanto *Dudamel Conducting Fellow*, bem como um concerto com Bernard Haitink e a Sinfónica da Rádio da Baviera. Entre 2015 e 2017, foi Maestro Assistente da Filarmónica Neerlandesa e *Conducting Fellow* do Festival de Tanglewood, nos EUA. Nuno Coelho nasceu no Porto em 1989. Estudou violino em Klagenfurt e Bruxelas e direção de orquestra em Zurique, com Johannes Schlaefli. Recebeu o 1.º Prémio no Concurso de Direção do Prémio Jovens Músicos da Antena 2, o Prémio Neeme Järvi do Festival Menuhin de Gstaad e foi finalista no concurso para jovens maestros do Festival de Salzburgo. Em 2014 foi bolsheiro da Fundação Gulbenkian e em 2015 foi aceite no *Dirigentenforum* do Centro Alemão para a Música, que mais tarde o nomeou para a sua lista *Conductors of Tomorrow*.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Vladimir Tolpygo

CONCERTINO*

Francisco Lima Santos

1º CONCERTINO AUXILIAR

Bin Chao

2º CONCERTINO AUXILIAR

Pedro Pacheco

Alla Javoronkova

David Wahnou

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria Balbi

Maria José Laginha

Otto da Casa de Pereira

Catarina Ferreira

Matilde Araújo

Piotr Rachwal

Flávia Marques

Vicente Sobral*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA

Zachary Spontak 1º SOLISTA

Jorge Teixeira 2º SOLISTA

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

Margarida Queirós

Camille Bughin

Francisca Fins

Asilkan Pargana

Miguel Simões

Félix Duarte

Catarina Resende

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

João Tiago Dinis 2º SOLISTA

Nuno Soares

Sara Moreira

Maria Inês Monteiro

Sara Farinha

Márcia Marques

Raquel Noemi

Iris Almeida

Mariana Moreira*

Daniela Brito*

Sandro Raposo*

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA

Martin Henneken 1º SOLISTA

Raquel Reis 2º SOLISTA

Jeremy Lake

Gonçalo Lélis

Hugo Paiva

João Valpaços

Maria Leonor Moniz

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rego 2º SOLISTA

Marine Triolet

Miguel Menezes

Diogo Pereira

Raquel Leite*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José Maria Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

Samuel Marques 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Kenneth Best 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

Pedro Freire 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

Luís Estudante 1º SOLISTA*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Cristiano Rios 2º SOLISTA*

Tomás Rosa 2º SOLISTA*

Richard Buckley 2º SOLISTA*

PIANO

Inês Mesquita 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

—

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

